

Um, Dois, Três... *Tante menhirs*

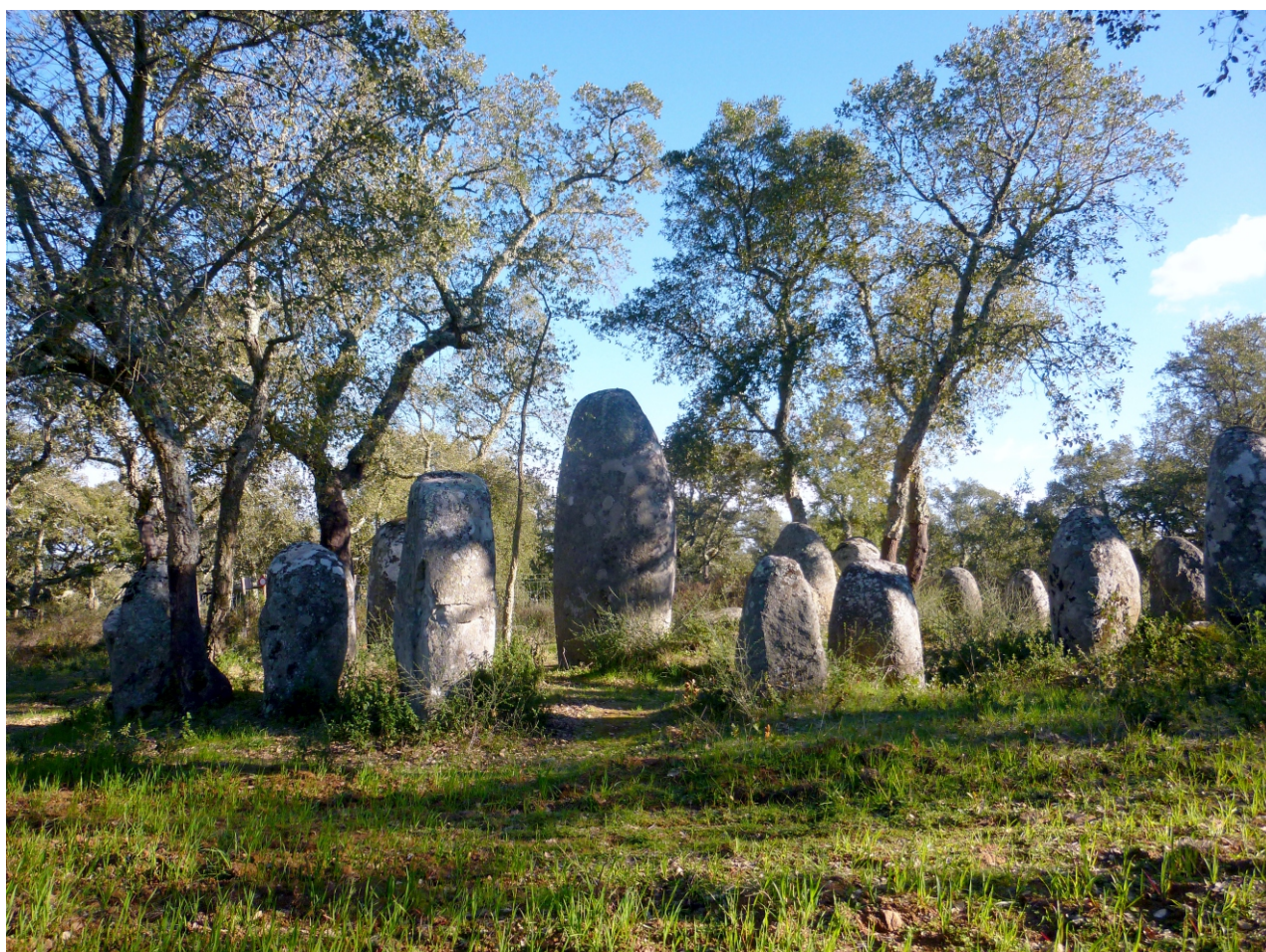
Victor S. Gonçalves

Professor Jubilado da Faculdade de Letras de Lisboa

Professor Emérito da Universidade de Lisboa

Joel, Noel e Citroen.

Esta passagem de um conhecido, mas pouco citado romance de Boris Vian (*L'herbe rouge*) parece não dizer nada, mas na verdade diz tudo ou quase. Os três gémeos, na verdade, dois verdadeiros e um "falso" mostram as várias possibilidades de leitura tão do agrado e tão frequentes na escrita de Boris Vian, onde os gatos não são bem gatos e a espuma dos dias não tem espuma, a não ser sangue. De onde, ao longo dos anos, ter sempre hesitado em usá-la. Uma coisa só, três coisas diferentes, e quantas mais. Tudo e nada?





Está longe de ser a única possibilidade de leitura de um texto múltiplo. É agora a altura de perguntar se este é mesmo um texto e particularmente um texto múltiplo...

Estamos longe de poder reconhecer que os menires são uma realidade única. Se usarmos como critério separador a sua dimensão temos certamente uma categoria que se refere aos grandes monólitos isolados como o de Meada ou os pequenos menires como os do sopé do Monte da Ribeira ou os menires estela como o da Belhõa e o de Salir. Mas se o critério se basear no seu grupamento teremos os menires isolados e os que desenham na paisagem ovais como os Almendres ou ainda provavelmente rectangulóides ou oval desmoronado como Vale Maria do Meio. Mas há mais ainda.

E essa questão transversal é sem dúvida a maior de todas: as gravuras claramente visíveis ou mais ou menos escondidas em alguns menires foram gravadas na rocha, antes ou depois de ela ser esculpida. E esta é claramente uma questão sem resposta possível. Outro enigma de difícil solução, ou mesmo impossível, é a razão pela qual se misturam no mesmo monólito, não só temas diversos como motivos distintos. Tal é o caso de menir do Monte da Ribeira.

Curiosamente, uma questão pacífica, e nada faria querer que o fosse, é a escassez da simbólica relacionada com o sexo presente nos menires. Até mesmo a representação do meato urinário não é tão frequente como poderia parecer. Quanto às famosas covinhas, são sem dúvida o caso mais flagrante de representações dissociadas de um conjunto.

Ovais e círculos fazem parte de figuras relacionadas com cosmogonias e a sua disposição intencional têm necessariamente um significado esteja ele em Alfa do Centauro ou em Arrakis. Mas se se trata da borda Este da galáxia ou da Oeste simplesmente não sabemos.

Poderia ainda colocar-se a questão de onde vêm as rochas mãe, de onde foram arrancadas as pedras, de que foram feitos os menires, tal como no caso do menir do Barrocal.

Mas será isto verdadeiramente significativo? Duvido muito.

Espantoso, em todos os sentidos, é sem dúvida a enorme coerência de estilo nos menires do Barlavento Algarvio, com linhas onduladas e uma linguagem simbólica híbrida (masculina e feminina), que desperta também uma outra questão: estes menires, com uma pitada de Neolítico antigo, seriam pintados ou não? O tipo de exposição ao sol pode indicar que sim e que o banho solar algarvio pode ter eliminado esses traços de pintura outrora presentes e que poderiam fornecer aos baixos-relevos dos menires um efeito estético posteriormente eliminado pela radiação solar. E as cronologias?

Curiosamente, os elementos datáveis dos menires não parecem ser fiáveis. Ou demasiado antigos ou demasiado modernos. Os elementos referentes a uma provável pintura dos menires tipo Barlavento, poderiam indicar a sua associação a um tipo de temática do Neolítico antigo. Mas quando pensamos neste tema, ouvimos por vezes o assobio irónico dos mais antigos agricultores fugindo ao longe no caminho do sol-posto.

Lisboa, Abril de 2024



